

Alocução do Prof. Pe. Manuel Carneiro Dias

na abertura do ano lectivo 2011-12

24 de Setembro de 2011

Rev.mo Senhor Dom Virgílio,

Rev.do P. Dr. Manuel Frade, diretor da EDMS,

Ilustres Colegas Professores,

Caros Alunos desta Escola

Tal como vem sendo hábito na tradição da Escola Diocesana de Música Sacra, no primeiro dia de aulas um dos professores apresenta uma reflexão que ajude a situar as finalidades da Escola e a importância da música sacra e litúrgica na vida da comunidade eclesial, contribuindo, deste modo, para a valorização e desenvolvimento da Liturgia, como preconizava o Concílio na sua visão reformista.

Por escolha pouco democrática, tocou-me este ano mais uma vez; seja superado o vício de forma pela bondade da intenção.

Diz-nos o Concílio que, embora a Liturgia não esgote toda a acção da Igreja (SC, 9), ela “é o cume para o qual se dirige a actividade da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde provém toda a sua força” (SC, 10). A vida litúrgica não é um elemento subsidiário e supletivo da vida cristã, mas insere-se profundamente no processo da revelação como história da salvação, dirigida a cada homem e mulher de todos os tempos e lugares.

A acção de Cristo continua atuante no hoje da humanidade, através da Igreja, Povo de Deus, de muitos modos, e também, de modo privilegiado na celebração litúrgica.

Por hábito de participação frequente, não raro, escapa-nos a percepção da linguagem usada pela comunidade quando se reúne para celebrar os mistérios da sua fé, que dimanam da Páscoa do senhor. Visões materialistas ou funcionalistas, utilitárias ou afetivas, contaminadas ou não pelas modas e gostos do momento, estão muitas vezes presentes na aproximação do cristão à celebração, presentes mesmo em perspectivas pastorais.

No decurso da vida de cada um de nós, tecida no fio do tempo, abrem-se momentos extraordinários que rompem com o trivial e, reunidos em assembleia, entramos noutra registo, usando uma linguagem que vai muito além da nossa forma de comunicar no mundo ordinário; desde logo porque Deus é o nosso interlocutor, a comunidade expressa-se a uma só voz e Cristo é o conteúdo dum diálogo de Amor sempre novo e atual.

É por demais evidente que só podemos estabelecer comunicação com alguém quando a linguagem é comum, mesmo que dispensado o conhecimento do código linguístico habitual ou comumente usual. Se uma pessoa não conhecer a língua de outra para comunicar verbalmente, pode recorrer à linguagem gestual mas, mesmo assim, o código de sinais, por mais básico que seja (de índole natural) tem de ser dominado por ambos. Doutra forma não há comunicação possível e perde-se totalmente a mensagem, enquanto conteúdo partilhado. Estas são noções básicas da comunicação.

Sendo desnecessário, recordemos a múltiplas formas de comunicar que vão muito além da comunicação verbal, oral ou escrita. Falamos, obviamente, de outros códigos tão ou mais expressivos. Por eles se comunica tanto e até mais e melhor do que através da linguagem verbal, demasiado normativa, objetiva, mesmo limitada para dizer, entenda-se comunicar, tudo quanto desejamos. Nesta mesma modalidade comunicativa, ultrapassamos esta sua funcionalidade prática mas insuficiente quando estamos na esfera da literatura.

Detenhamo-nos na linguagem simbólica, tão arreigada na antropologia e na antropologia cristã, em particular, especialmente na ação celebrativa, ritual, não exclusiva do cristianismo. É uma linguagem, tem os seus códigos, e constitui-se como uma possibilidade de comunicar.

A pessoa humana, na sua dimensão corporal e espiritual, percebe e exprime as realidades espirituais mediante sinais materiais, elevados à categoria de simbólicos. Por definição símbolo é o que une (ao contrário de diabólico, o que divide, separa). Facilmente constatamos que o quotidiano está recheado de ações simbólicas: sorrisos, lágrimas, beijos, etc. Nos momentos particularmente importantes da nossa vida a linguagem comum não basta, parece-nos insuficiente ou mesmo desadequada. Por isso, os gestos reforçam as palavras, dão corpo às intuições, aos valores, aos sentimentos, refazem os ambientes em meta-significações, atingem o coração e plasmam o verdadeiro sentido da vida e das coisas humanas.

A linguagem simbólica é um modo de ser e de comunicar, constituindo um outro universo tão real e verdadeiro como todo o que os nossos sentidos alcançam, no pressuposto de que estes não se enganem. Ela envolve a pessoa toda, inteligência, afeto, corporeidade, vontade, desejo. Além disso, não só expressa e representa as realidades espirituais invisíveis como as contém e comunica em toda a plenitude. É assim que nos aproximamos da linguagem sacramental, por exemplo.

Partindo destas capacidades e potencialidades da linguagem simbólica, é fácil compreender como a experiência religiosa se serve desta linguagem como mediação de encontro com o transcendente, com o divino.

Ora, para compreender a liturgia, não se pode prescindir dum olhar sobre o símbolo, comum a toda a experiência humana e fortemente religiosa. Ela é constituída, na sua visibilidade por ações simbólicas.

Vivemos num tempo em que o real se confunde com o sensorial; a grande preocupação é o lógico e compreensível; só o material tem, efectivamente, valor. Paradoxalmente, esvaziado, a pessoa humana continua a buscar o sentido da vida, a procurar Deus pelos caminhos mais bizarros; contudo, mesmo aqui, o mundo do simbólico ganha alguma consistência representativa e assume alguma importância.

Toda esta aparente contradição fica, entre outros aspectos, a dever-se à percepção do símbolo como meio de comunicação que estabelece comunhão. Da sintonia que proporciona nasce o seu sentido, e a busca a que fica sujeito pelas pessoas. Efectivamente, porque o símbolo parte de um elemento fisicamente sensível, indica a existência de outra coisa que escapa aos sentidos. Temos como que a parte material de uma realidade que está mais além, imaterial, e que o homem só pode apreender pela operação que os reúne. Daí a necessidade da ação que o faz existir, amiúde de natureza cultural religiosa.

Um pequeno apontamento do Livro de Tobias, ajuda-nos a entender a natureza do símbolo. “Tobias respondeu a seu pai, dizendo-lhe: ”Tudo o que me mandaste, pai, eu o farei. Mas, como poderei cobrar dinheiro a Gabael se não o conheço? Que sinal lhe hei-de dar para que me reconheça, creia em mim e me entregue o dinheiro?” [...] Tobite replicou a seu filho Tobias: ‘Ele entregou-me o seu documento assinado e eu entreguei-lhe o meu. Dividi-o em dois pedaços, dos quais cada qual tomou um e coloquei o meu junto do dinheiro. Faz agora vinte anos que deixei essa quantia em depósito. [...]’” (Tobias, 5,1-3).

A liturgia cristã vive esta linguagem e expressa-se através dela, explorando toda a sua expressividade e capacidade.

Santo Agostinho refere-se a este assunto, dizendo: “O único fim de todo o simbolismo é alimentar e em certo sentido atizar esse fogo do amor para que, sob o seu impulso poderoso, elevando-nos bem alto e entrando em nós mesmos, sejamos admitidos ao repouso. Porque o que nos é sugerido pelos símbolos toca e acende o coração bem mais fortemente do que se a mesma verdade nos fosse apresentada sem a misteriosa veste das imagens. [...] Creio que a sensibilidade tem preguiça em inflamar-se, enquanto permanece enredada nas realidades puramente concretas. Mas, se a orientamos para os símbolos tirados do mundo corporal e, a partir deles, a transportamos para o plano das realidades espirituais significadas por esses símbolos, ela ganha em vivacidade, pelo simples facto dessa passagem, e inflama-se mais, como tocha que se agita, de tal modo que uma paixão mais ardente a arrebatava até ao repouso (da visão beatífica e definitiva das realidades imperecíveis).” (Santo Agostinho, Carta 55).

Porque o símbolo parte de uma realidade material, sensorial que o constitui e está presente na liturgia cristã, importa cuidá-lo, pois ele há-de tornar a realidade presente e levar-nos à realidade toda. Tudo o que está inscrito na celebração tem como objetivo colocarnos em comunicação com Deus, de tal forma que prestemos ao Senhor um culto digno e verdadeiro. Cuidar a Palavra, o rito, o espaço, os objectos, tudo se torna expressão orante, portanto comunicativa.

Neste sentido, cheguemos ao que nos importa como escola de música sacra: o cuidar da palavra cantada e da música que, só por si, enquanto arte, já é profundamente simbólica. A música, em geral, e a música sacra, religiosa e litúrgica, em particular, têm os seus cânones e formulários, seguem géneros e estilos distintos, em razão da nossa matriz cultural, têm objetivos e fins diversos.

Cabe-nos a nós, escola, ajudar a comunicar melhor através desta linguagem e a cuidá-la, seja pela preparação e domínio técnicos, seja pela vivência espiritual de cada crente, uma vez que pelo canto e pela música a comunidade celebra vivamente o Mistério Pascal de Cristo e une-se numa só voz, em adoração do Pai, sob a força do Espírito que nos impele e dá vida à própria ação litúrgica.

Cabe-nos a nós elevar o sentido da celebração, fazendo sobrepor a dignidade e a qualidade das artes à mediocridade do funcional ou de gostos primários de tradição duvidosa, mesmo que seja em nome da ação pastoral.

Cabe-nos a nós, professores, a responsabilidade de ajudar a celebrar bem, preparar quem há-de ter a seu cuidado as muitas celebrações que, dominicalmente, se celebram por toda a diocese.

Cabe-vos a vós, caríssimos alunos, a exigente responsabilidade de, nas vossas paróquias, cuidar da liturgia, especialmente das ações sacramentais, meio esplendidamente adequado

para congregar a comunidade cristã em toda a sua diversidade, expressar a unidade da comunidade e receber graça sobre graça.

É grande e nobre tarefa.

Termino citando S. Agostinho no comentário ao salmo 72: “Quem canta louvores, não só louva, mas louva com alegria. Quem canta louvores, não só canta, mas também ama aquele a quem canta. No louvor há exaltação por parte daquele que louva, e no cântico, afeto daquele que ama. Quem canta bem, reza duas vezes...”

Que Deus nos conceda, por intercessão de Santo Agostinho, a arte de bem cantar para que a nossa oração seja bela e digna.